

---

# O pentateuco no século 21: restrospecto e perspectivas

---

SÉRGIO HENRIQUE SOARES MONTEIRO<sup>1</sup>

**E**ste artigo descreve a crise atual nas pesquisas do Pentateuco. Aborda sua origem e resultados, bem como os impactos para a pesquisa moderna. Apresenta os principais nomes participantes do debate e sua contribuição para o atual momento da pesquisa. Conclui apresentando uma descrição sobre o futuro da pesquisa, conforme se apresenta a partir do estado atual e dos rumos que a pesquisa tem seguido.

**Palavras chaves:** Pentateuco; Crise; Método; Autoria; Data; Unidade; Debate.

## The pentateuch in the 21th century: retrospect and prospect

**T**his article describes the current crisis in Pentateuch research, presenting its origin and results, as well as the impact on the modern research. It shows the main players in the debate and its contribution to the current momentum in the field. It finishes describing the future of the research, as we can grasp from the current research and the trend it has taken.

**Keywords:** Pentateuch; Crisis; Method; Authorship; Date; Unity; Debate.

.....

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia Bíblica pelo Seminário Adventista Latino Americano de Teologia (Salt). E-mail: shs.monteiro@uol.com.br

A pesquisa acadêmica do Pentateuco vive uma crise de identidade que remonta aos anos 1970. Esta crise está relacionada a uma insatisfação crescente com a abordagem dominante desde o final do século 19, com sua ênfase na busca das camadas formativas, tradições subjacentes e fontes dos textos do Pentateuco. Foi o influente estudo de Rolf Rendtorff (1977), intitulado “*Das überlieferungsgeschichtliche Problem des Pentateuch*”, que expôs a insatisfação com os rumos da pesquisa crítica, bem como as falhas da metodologia, e iniciou a era de crise que alcançou nossos dias. Por outro lado, os eruditos evangélicos, cujos trabalhos não utilizavam os princípios ou ferramentas da pesquisa crítica, saudaram como bem-vinda a reação de Rendtorff (1977) e o resultado de suas pesquisas.

O presente artigo resenha os principais trabalhos de pesquisa na área do Pentateuco aparecidos nos primeiros anos do século 21. É preciso, entretanto, retornar alguns anos para entender o estágio atual da pesquisa e os rumos futuros.

## Retrospecto

### Raízes da crise

Em 1977, Rolf Rendtorff publicou o estudo “*Das überlieferungsgeschichtliche Problem des Pentateuch*”, no qual discute as teorias sobre a formação do Pentateuco. O artigo foi publicado dois anos após o estudo de John van Seters (1975), “*Abraham in History and Tradition*”, e um ano após o escrito de Hans Heinrich Schmid (1976), “*Der sogenannte Jahwist*”. Esses autores, de certa forma, inauguraram o período de críticas internas e discussões sobre a Hipótese Documentária. Do lado conservador, a pesquisa ganhou novo impulso com a publicação da Teologia do Antigo Testamento de Walter Kaiser Jr (1978).

Rendtorff (1977) apresentou uma crítica ao modelo dessecativo e à tendência fragmentadora do método crítico. Ele dedica especial atenção à metodologia de Martin Noth (1960), que acentua a história das tradições subjacentes a cada unidade do Pentateuco e ao método histórico-kerigmático de Gerhard von Rad. Ele havia sido professor de Rendtorff (1977) e sua influência é visível na metodologia do autor.

Não se deve pensar, entretanto, que Rendtorff, ou mesmo Seters e Schmid, houvessem abandonado o método crítico (HASEL, 1985). Ao contrário,



suas pesquisas (e toda crise delas resultante) estavam relacionadas com as falhas do método e como sublevá-las (ARNOLD, 2003). É a busca por um novo ar para o método crítico que desencadeia a crise que hoje presenciamos.

A novidade da abordagem de Rendtorff (1977) está na sugestão de que a ideia de fontes do Pentateuco deve ser desacentuada em favor de uma abordagem que acentue as tradições que subjazem ao texto (RENDTORFF, 1977). Mas as fontes não são abandonadas. De fato, o resultado da abordagem da história das tradições de Rendtorff (1977) pode ser a descoberta de fontes que serão importantes. Aparentemente, Rendtorff (1977) não estava propondo a inexistência de fontes *per se*, mas o seu uso como guia na pesquisa do Pentateuco.

Anos mais tarde, Rendtorff (1993) retorna ao tema em seu artigo “*The Paradigm is changing — Hopes and Fears*”, no *Journal of Society for Biblical Literature*, no qual afirma a morte da teoria documentária de Welhausen e a falência dos métodos de Martin Noth (1960) e Gerhard von Rad. Entretanto, ele não está disposto a empreender o caminho de retorno à posição conservadora tradicional, mas espera por um novo “paradigma” que tome o texto em seu resultado final.

A desilusão de Rendtorff (1977) não era solitária. Nos anos seguintes, vários eruditos, dentre os educados no método crítico da pesquisa do Pentateuco, expressaram sua insatisfação com o próprio método e expuseram suas falhas. A insatisfação não representa um abandono do método crítico na pesquisa do Pentateuco, mas a exposição de suas falhas. Essa linha de ação fica evidente nas críticas que descrevemos abaixo.

Precisamos começar necessariamente com o discípulo de Rendtorff, Erhard Blum (1984). Ele trabalha sobre a metodologia de Rendtorff (1977) e partilha com seu professor as críticas ao consenso, aprofundando-as. Sete anos mais tarde, Blum publicou o magistral estudo “*Die Komposition der Vatergeschicht*”, no qual ele trabalha a hipótese de que em lugar de “fontes” da história dos pais, o que temos são tradições, ou blocos de tradições que eram mantidas de forma independente e foram editadas posteriormente. Seu rompimento com a hipótese documentária está na busca de grandes blocos de tradição e sua relativa indiferença às supostas fontes, que segundo ele, são inexistentes. Mas Blum (1990) retorna a uma hipótese documentária modificada, anos mais tarde, quando propõe a existência de duas camadas composicionais distintas (KD equivalente a uma composição pré-sacerdotal D e KP, que ele chama de composição Sacerdotal ou P) em seu estudo da composição do Pentateuco.

John Barton (1984), em seu livro sobre metodologia, utiliza a apresentação clássica das quatro fontes, mas adota uma posição neutra quanto à existência de apenas estas quatro fontes e sobre a unidade e continuidade delas. Em seu artigo no “*Anchor Bible Dictionary*”, Barton (1992) coloca a quebra com o paradigma de Wellhausen já no período do pós-guerra, devido a estudos de eruditos israelitas. Consistente com a neutralidade de seu estudo prévio, Barton termina seu artigo com a afirmação lacônica de que não se usa mais a expressão “quatro fontes históricas”, mas apenas “quatro fontes” (BARTON, 1992).

Os círculos conservadores produziram poucos estudos, dos quais o de Gerhard Hasel (1985), “*Biblical Interpretation Today*”, é o mais completo e exaustivo. Hasel (1985) expõe os princípios e pressuposições filosóficas por trás do método crítico e como são incompatíveis com o material Bíblico. E com base nessa incompatibilidade, ele decreta o fim do método crítico.

26

No mesmo ano, Gerhard Larsson (1985) publicou seu estudo sobre as Cronologias do Pentateuco, afirmando que havia demonstração de unidade textual no Pentateuco, ao invés da fragmentação que a hipótese documentária propunha. No mesmo diapasão, Gary Rendsburg (1986) chega à conclusão que a hipótese documentária era insuficiente para explicar a unidade linguística e estrutural das narrativas de Gênesis, demonstrada pelo uso de Quiasmas e expressões recorrentes, enquanto Kikawada e Quinn (1985) demonstraram a unidade temática das narrativas Patriarcais, contrariando os resultados assegurados da crítica das fontes.

O estudo crítico mais completo e exaustivo do período parece ser Whybray (1987): “*The Making of the Pentateuch — A Methodological Study*”. Seu objetivo é descrever o processo formativo do Pentateuco, baseado na hipótese de que existe unidade no Pentateuco e que essa unidade indica a existência de um único autor no Pentateuco. Whybray (1987) critica profundamente tanto a Crítica das Fontes quanto a Crítica da Tradição de Noth. A crítica das fontes, segundo Whybray (1987), está fortemente baseada em “especulações”, “preconcepções” e o resultado é um “pastiche”. A crítica das tradições, por seu turno, está baseada sobre “falácias” e sobre comparações que não podem ser mantidas, por serem problemáticas.

De forma semelhante a Kikawada e Quinn (1985), Ludwig Schmidt (1988) criticou os resultados críticos do Pentateuco ao trabalhar so-



bre a história do roubo da primogenitura por Jacó. Para ele, essa história demonstra que a chamada fonte *Elohista* seria, na verdade, apenas uma revisão da fonte *Javista*, sendo que essa última estava dividida em uma versão mais longa e outra mais curta que foram habilmente editadas.

Tengström (1989) questionou se as bases para a datação das fontes eram exegéticas ou filosóficas e concluiu que uma exegese fundamentada no texto imporia uma redatação que tornaria a fonte *Javista*, por exemplo, em um produto muito anterior à monarquia.

É por isto que Dyk (1990), ao resumir o estado da arte da pesquisa, declarou que a hipótese documentária lutava para sobreviver, uma vez que estava seriamente comprometida por falhas apontadas por uma gama de estudiosos. Em sua avaliação, a crítica da tradição ou história da redação eram abordagens muito mais propícias ao texto, visto que levava em conta sua história oral.

Eugene Merrill (1991) é uma das vozes conservadoras do período. Ele publicou a segunda edição de “*An Historical Survey of the Old Testament*”, no qual assevera a unidade e autorias tradicionais do Pentateuco. Ele considera os resultados críticos como baseados em pressuposições e rejeição *a priori* de toda evidência contrária.

A discussão foi retomada por Bleckinsopp (1992) em sua obra “*The Pentateuch*”, que pode ser considerado, ao lado de Blum (1990), como o responsável pelo renascimento da hipótese documentária, agora mesclada à Crítica da Tradição e fortemente associada à ela. Não se trata de um retorno à escola de Wellhausen, mas um abandono de suas pressuposições, ainda que mantendo, de alguma maneira e até certo ponto, seus resultados. Bleckinsopp (1992), efetivamente, retoma a ideia de fontes primárias, mas começa com aquela cuja existência é mais “sólida” (P) para aquela que é mais conjectural (Não P). Ele é seguido por Carr (1996), que propõe a existência de apenas duas fontes: P e Não P. Todos os demais extratos da pesquisa crítica são redações sobre uma dessas fontes. Com essa abordagem, tanto Bleckinsopp (1992) quanto Carr (1996) se livram dos problemas conjecturais e de datação que envolvem as fontes E e J.

## A crise hoje

A crise iniciada nos anos finais do século 20 produziu efeitos duradouros que adentraram ao século 21. Alguns dos autores mencionados acima voltaram a atacar o *establishment* e seus resultados. Rendtorff



(2006)<sup>2</sup> retomou o tema em duas ocasiões específicas: em seu livro “*The Canonical Hebrew Bible*”, de 2005, e na reunião anual da SBL, em 2006, na qual revisitou seu estudo de 1974 sobre o *Javista*. Em ambos, Rendtorff (2006) reafirma e fortalece seu posicionamento anterior, afirmando a inexistência do *Javista*, concluindo a apresentação na SBL com as palavras: “O *Javista* desapareceu e levou consigo o edifício no qual habitava, pois não sobrou nenhum habitante” (RENDTORFF, 2006)

Essas duras palavras de Rendtorff (2006) geraram reações imediatas. David Clines (2006),<sup>3</sup> que havia sido responsável pelas primeiras análises do ensaio de 1974 de Rendtorff (2006), uma vez mais foi o responsável pela resposta no próprio fórum da SBL. Seu artigo termina afirmando que “não estamos invalidando os velhos paradigmas”. Isto efetivamente demonstra que Clines (2006), falando por muitos de seus colegas, não está disposto a abandonar completamente a hipótese documentária.

Precisamos retornar alguns anos, porque a discussão já havia sido reiniciada nos primeiros anos do século 21. Tanto eruditos conservadores quanto liberais estavam engajados na discussão. Em 2001, o *Journal of Adventist Theological Society* publicou uma aguda crítica de Greg King (2001) à Hipótese Documentária. Ali, King (2001) delineou a hipótese e dialogou com seus pressupostos, concluindo que ela deveria “ser abandonada”.

Naquele mesmo ano, o Deão da Universidad Adventista del Plata, Gerald Klingbeil (2003), reuniu 11 artigos sobre o Pentateuco a partir do ponto de vista conservador, em “*Inicios, Paradigmas y Fundamentos: Estudios teológicos y exegéticos en el Pentateuco*” (2001). A tônica dos artigos é a defesa da posição conservadora quanto ao Pentateuco em um diálogo franco com a erudição europeia.

Da perspectiva crítica, em 2002, são publicados os resultados da discussão provocada pelo trabalho de Christoph Levin (1999), *Der Jahwist und seine Kritiker*, com o título “*Abschied vom Jahwisten*”. “*Die Komposition des Hexateuch in der jüngsten Diskussion*”, sob a edição de Schmid, Jan Getz e Witte (2002). Alguns dos autores deste livro já haviam dado sua

.....  
<sup>2</sup> Trecho retirado do texto “What happened to the ‘Yahwist’?: reflections after thirty years”, de Rolf Rendtorff, publicado em 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2MxSR6W>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

<sup>3</sup> Trecho retirado do texto “Response to Rolf Rendtorff’s ‘What Happened to the Yahwist? Reflections after Thirty Years’”, de David J. A. Clines, publicado em 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/23WAlcw>>. Acesso em: 10 jul. 2014.



contribuição à pesquisa em anos anteriores. Podemos citar, por exemplo John Blekkinsopp, Jean Louis Ska, Thomas Römmel, Jan Christian Getz, Konrad Schmid, Erhard Blum, dentre outros. Os ensaios demonstram a diversidade de opiniões sobre a composição do Pentateuco, existência, limites e características das fontes, processo de redação e principalmente, datação do *Javista*. O resultado é praticamente, nas palavras dos editores, um “adeus parcial ao *Javista*”, que Rendtorff entende como um adeus ao *Javista* sem dizer adeus ao castelo da hipótese documentária.

Alexander e Baker (2003) editaram o volume sobre o Pentateuco do *Dictionary of the Old Testament*. Arnold (2003) foi o responsável pelo artigo geral sobre a História da Crítica do Pentateuco, enquanto Gerald Klingbeil (2003) escreveu sobre a Crítica Histórica e Baker (2003) sobre a Crítica das Fontes. Os autores escrevem do ponto de vista conservador, mas chegam a conclusões interessantes, o que demonstra certa diversidade mesmo entre os autores não liberais. Baker (2003), especialmente, termina seu artigo com a ambígua declaração de que “ainda esperamos por uma correta explanação sobre a composição do Pentateuco”, enquanto Klingbeil (2003) defende a unidade do Pentateuco e a historicidade dos relatos, contrariando o método Crítico.

Gordon Wenham (2003) publicou o primeiro volume de seu “*Exploring the Old Testament*” tratando com o Pentateuco. Nele, Wenham (2003) discute os temas relacionados com a composição do Pentateuco, defende a historicidade das narrativas patriarcais e concorda fundamentalmente com Whybray (1987) quanto à uma autoria única do Pentateuco.

Richard Friedmann (2003) propôs um retorno absoluto à teoria documental, em sua tradução do Pentateuco em 2003. Sua tradução estava baseada no uso das fontes tradicionais além das camadas de redação, sendo, cada uma, marcada com uma cor diferente.

No outro lado do espectro, Merling Alomía (2006), no discurso inaugural do 5º Simpósio Bíblico-Teológico Sul Americano em 2004 (ALOMÍA, 2006), confiantemente afirma que estamos presenciando uma mudança de paradigma nos estudos do Pentateuco, com o abandono da Hipótese Documentária e a metodologia crítica.

Os estudos de Ekkart Otto (2007) na Europa, e Joel Baden (2009) nos Estados Unidos, entretanto, parecem contradizer a afirmação de Alomía (2006). Longe de abandonar a hipótese documentária, esses dois autores dão novo ímpeto e significado ao método crítico e à hipótese documentária. Ambos trabalham com a crítica literária sobre o Pentateuco.

Eckart Otto (2007) foi o coeditor de “*Das Deuteronomium zwischen Pentateuch und deuteronomistischem Geschichtswerk*”, com Reinhard Achenbach (OTTO; ACHENBACH, 2004). Seu artigo introdutório trata exatamente das relações entre o código Sacerdotal (P) e o Deuteronomio, e defende a ideia de pontos de contatos que podem apenas ser percebidos através de uma abordagem sincrônica do Pentateuco. Para Otto (2000), as fontes são reconhecíveis através de uma leitura sincrônica do texto. Seus estudos posteriores utilizam largamente a leitura sincrônica para extrair essas camadas literárias, que são então reunidas através da reconstrução dos períodos no que ele chama *Lei de Moisés* (OTTO, 2000); (OTTO; LE ROUX, 2005); (LE ROUX; OTTO, 2007); (OTTO, 2007).

Joel Baden (2009) é professor de Yale e um prolífico escritor com interesse específico sobre a composição do Pentateuco. Em 2009, ele publicou seu primeiro livro sobre o tema e foi coeditor de outro: “*J, E, and the Redaction of the Pentateuch*” (BADEN, 2009); “*The Strata of the Priestly Writings: Contemporary Debate and Future Directions*” (SHECTMAN; BADEN, 2009). Seu tratamento clássico, entretanto, apareceu recentemente em 2012, no estudo “*The Composition of the Pentateuch: Renewing the Documentary Hypothesis*” (BADEN, 2012a), no qual ele trabalha o renascimento da Crítica das Fontes; e em “*The Promise to the Patriarchs*” (BADEN, 2013), no qual seu método crítico-literário é utilizado no estudo da história dos Patriarcas.

Baden (2012b) não enxerga a existência de uma crise nos estudos do Pentateuco. Na verdade, pensa ele, o que vemos é a comum discordância acadêmica na busca pelo refinamento da hipótese, que, em sua visão, ainda é o melhor meio para explicar a diversidade do texto, suas contradições e duplicidades. A nova crítica, como Baden (2012b) a chama, constrói sobre os fundamentos de Wellhausen, mas se afasta daquilo que ele chama de fraqueza da hipótese clássica. Em seu ensaio de 2012, Baden (2012b), elenca sete características que diferenciam a Nova Crítica da Antiga Crítica.

### Razões da Crise

As palavras mais utilizadas na literatura representada acima são “especulação”, “pressuposições”, “reconstrução”, “desmoronamento”, “incerteza”, “insuficiente” e outras igualmente negativas. A crise se expressa em um grande mau humor por parte dos especialistas.

Uma leitura mais aprofundada nos revela alguns dos motivos por trás desse mau humor e esta sessão descreve alguns dos motivos:





### • Abandono do positivismo historiográfico

O método crítico exigia do texto do Pentateuco absoluta precisão historiográfica, além de histórica (BROOKE; RÖMER, 2007). E porque o texto não podia se enquadrar no ambiente reconstruído para o período que alegava pertencer, ele precisava ser movido para um período em que o contexto histórico fosse mais apropriado (HASEL, 1985). Em outras palavras, o texto não era testemunha de seu tempo, mas um intruso. Benjamim Sommer (2011), no recente artigo sobre datação dos textos do Pentateuco, criticou duramente a subjetividade deste método. Segundo ele, é o estudioso quem primeiro determina o tema do texto e então pensa sobre quando aquele tema seria relevante para o leitor antigo, e então decide que o texto data daquele período (SOMMER, 2011). Todo o processo depende do estudioso e de suas pressuposições quanto à reconstrução do contexto histórico, social, filosófico e religioso. Ademais, há a pressuposição de que um determinado tema deve sempre pertencer a um tempo específico, e não pode ter surgido em tempo anterior. Não é difícil se perceber que Sommer (2011) tem razão e seu artigo contém alguns importantes exemplos desse pseudo-historicismo e porque seu abandono era necessário.

Além da aguda crítica de Sommer (2011), merecem destaque também as críticas profundas de Hasel (1985), em seu artigo “*Biblical Interpretation Today*”, e a mais recente de Klingbeil (2003), no artigo sobre a crítica histórica do Dicionário editado por T. Desmond Alexander (2003).

### • Descobertas arqueológicas

O crescente número de descobertas arqueológicas no Oriente Médio, com o conseqüente crescimento da compreensão sobre usos, costumes, contexto social, literário e religioso foi um pesado golpe no consenso crítico.<sup>4</sup> Não é possível mais se manter que o Pentateuco apresenta narrativas anacrônicas e desligadas dos períodos aos quais as histórias alegadamente pertenceriam.

Ao contrário, hoje é possível se afirmar que as histórias patriarcais estão perfeitamente inseridas no contexto do segundo ou terceiro milênio

.....  
<sup>4</sup> Ver Evans, Lohr e Petersen (2012); Brueggeman e Wolff (1982); Newell (1983); Hasel (1985); Kikawada e Quinn (1985); Mann (1988); Merrill (1991); Macrae et al. (1994); Carr (1996); King (2001); McDermott (2002); Klingbeil (2003); Hamilton (2005); Alo-mía (2006); Kondor (2006); Kirkpatrick e Goltz (2008); McEntire (2008); Deffinbaugh et al. (2009); Branick (2011); Briggs, Lohr e Moberly (2012).

AEC (KLINGBEIL, 2003). Os costumes se harmonizam e os nomes estão de acordo com os nomes comuns utilizados naqueles tempos (HASEL, 1985).

Em resumo, muitas descobertas arqueológicas recentes aprofundaram a crise dos estudos críticos do Pentateuco.

- **Estudos de religiões comparadas**

A análise profunda das origens das religiões levada a cabo nos últimos 40-50 anos também foi um duro golpe ao método crítico da pesquisa do Pentateuco. Uma das assertivas comuns do método é que o Pentateuco possui elementos religiosos que demonstram origens diversas tanto geográfica quanto temporalmente (BADEN, 2013). Elementos monoteístas são solidamente datados como pertencendo ao período mais recente da história de Israel (JOCZ, 1961; HERRMANN, 1981; BRUCE; PAYNE, 1998; BRIGHT, 2000; GUILLAUME, 2009; CHOI, 2010), quando a sua religião havia evoluído para religião que conhecemos (NOTH, 1960). Já elementos politeístas e henoteístas são vistos com indicadores visíveis de camadas primitivas, advindas do tempo em que os israelitas eram, como seus vizinhos, politeístas e do período de transformação henoteísta (NOTH, 1960).

O primeiro problema é que a própria definição de quais seriam os “elementos politeístas” é subjetiva. Ela é baseada na pressuposição da evolução da religião de Israel imposta ao texto a partir da perspectiva do estudioso.

Ademais, a ideia é claramente influenciada pela noção evolucionista e pela certeza de que as religiões primitivas eram politeístas e que o monoteísmo é uma compreensão posterior. O recente estudo de Rodney Stark, entretanto, minou esta certeza (STARK, 2007). Ele demonstrou que “[...] os humanos primitivos possuíam noções surpreendentemente sofisticadas sobre Deus e a criação”. Desta forma, é preciso que a dissecação baseada no suposto politeísmo primitivo de Israel, para o qual não existem evidências exceto as reconstruções críticas, seja revista.

- **Estudos linguísticos demonstram elos e unidade**

Diversos eruditos empreenderam estudos sobre a estrutura do texto e encontraram marcadores que são melhor entendidos como indicadores de unidade, antes de multiplicidade de fontes. Alguns exemplos desses marcadores são:

1. Wiseman (1936) identificou no Gênesis a possível existência de unidades textuais que são delimitadas pela frase *‘eleh toledot e*



formulou a chamada teoria dos Tabletes. A frase *'eleh toledot* é vista como uma declaração ligada ao que precede e não necessariamente com o que segue (HARRISON, 1969). Desta forma, ela delimita o texto em uma unidade de tradição que não existia apenas de forma oral, mas já se encontrava de forma escrita (SEWELL, 1994). Seu filho, Donald Wiseman, em 1985, retomou a teoria e a refinou, afirmando que desde 1936, novos *colofons* — como são conhecidos — foram encontrados na literatura antiga, demonstrado que esse tipo de fórmula era comum (WISEMAN; WISEMAN, 1985).

2. A existência de estruturas quiásticas no texto Bíblico e no Pentateuco não é uma novidade. Pequenas unidades textuais são frequentemente vistas como estruturadas em forma de quiasma. Entretanto, Gordon Wenham (1987) demonstrou que a estrutura quiástica vai muito além de pequenas unidades, sendo encontrada nos grandes blocos narrativos do Pentateuco. Essas estruturas estão finamente ajustadas, demonstrando que não são um mero acidente, mas se relacionam com o tema do livro e do Pentateuco (KIKAWADA; QUINN, 1985). Outros eruditos demonstraram exegeticamente a existência desses blocos quiásticos. Jacques Doukhan (1978), por exemplo, mostrou que a história da criação está estruturada em forma quiástica.

33

- **Fontes vistas como uma unidade e imprecisão quanto à datação**

A existência das duas fontes fundamentais para a pesquisa crítica do Pentateuco tem sido fortemente questionada<sup>5</sup>. De fato, alguns círculos evitam falar da fonte E (BLENKINSOPP, 1992; 2004), enquanto outros declaram a inexistência de J (RENDTORFF, 2006). Isso ocorre porque essas supostas fontes são tão fortemente interligadas que é difícil distinguir entre seus extratos.

Ademais, não há certeza sobre a suposta datação de cada fonte.<sup>6</sup> Como Benjamim Sommer acentuou corretamente (SOMMER, 2011), o processo de datação dos textos é largamente subjetivo e isso é demons-

.....

<sup>5</sup> Ver Barton (1984); Blum (1984; 1990); Baker (2003); Campbell e O'brien (2005); Dozeman e Schmid (2006); Barton, Stuckenbruck e Wold (2007); Dozeman, Schmid e Römer (2011); e Dozeman, Schmid e Schwartz (2011).

<sup>6</sup> Ver Baker (2003); Friedman (2003); Otto (2007); Baden (2009); e García López (2012).

trado pela imprecisão na datação, precedência e relação temporal das fontes, forçando os eruditos a proporem a existência de redatores em diferentes fases, e de diferentes escolas<sup>7</sup>.

## Resultados

Havendo analisado o estado atual da pesquisa do Pentateuco, podemos resumir alguns de seus resultados e a implicação para as questões primordiais: Autoria, Datação e Unidade.

### A. Autoria

Do ponto de vista crítico, um retorno à autoria mosaica é não apenas improvável como proibido. De fato, nos círculos eruditos a simples ideia causa *frisson*. Os eruditos reunidos em Zurique, para o encontro sobre o Pentateuco em 2010, declararam, através de sólida conclusão de pesquisa bíblica, que a narrativa do Pentateuco, que começa com a Criação do mundo e termina com a morte de Moisés, não foi composta por um único autor (DOZEMAN; SCHMID; SCHWARTZ, 2011).

A crítica ainda busca descobrir quem compôs o Pentateuco e qual é a quantidade de autores e redatores envolvidos. As sugestões são variadas, incluindo uma mulher da corte de Salomão (ROSENBERG; BLOOM, 1990), Baruque ou Jeremias (FRIEDMAN, 1987) dentre outras propostas.

As pesquisas literárias, entretanto, tiveram impacto sobre os estudos conservadores. Moisés segue sendo o autor do Pentateuco, mas hoje se compreende que ele utilizou tradições existentes e as incluiu na obra que conhecemos (ALEXANDER, 2003). Donald Wiseman e Wiseman (1985) e Harrison (1969) sugeriram que as tradições dos pais poderiam haver existido em forma escrita, e que essas foram passadas de pai para filho até chegarem a Moisés, que a incluiu na Torá (SEWELL, 1994).

### B. Datação

As datas propostas são tão diversas quanto os autores. Cada extrato é datado de maneira variada, em um período que vai dos tempos pré-monárquicos (ALEXANDER, 2003) até o período Macabeu (FRIEDMAN, 1987). Não há certeza, pois a datação é dependente da reconstrução que os críticos fazem e de como os textos se harmoni-

.....  
<sup>7</sup> Ver Brekelmans, Vervenne e Lust (1997); Römer e Schmid (2007); e Dozeman e Römer (2012).



zam com essa reconstrução (DOZEMAN; SCHMID; SCHWARTZ, 2011; SOMMER, 2011). É daí um dos motivos da crise da pesquisa atual e é também um de seus resultados. O Pentateuco é resultado de um processo de composição que durou “centenas de anos”, nas palavras dos eruditos em Zurique (DOZEMAN; SCHMID; SCHWARTZ, 2011), e, mais recentemente, em Jerusalém, quando os eruditos se reuniram para avaliar o atual estágio da pesquisa acadêmica.

Os críticos não estão sozinhos em suas incertezas quanto à data do Pentateuco. As fileiras conservadoras também demonstram incertezas e diversidade, havendo apenas a certeza de que o resultado final do Pentateuco apareceu pouco após a entrada do povo em Canaã, que é datada por volta de 1400 AEC ou 1200 AEC.

### *C. Unidade*

A pesquisa liberal caminha no sentido do reconhecimento da unidade do Pentateuco. Isso não significa automaticamente a existência de um único autor, embora esta seja a sugestão de Whybray (1987; 1995). A ideia da unidade, para os críticos, significa, ao contrário, que o produto que temos é o resultado de um processo de redação muito mais bem feito do que se supunha anteriormente, pelas mãos de um redator final em algum período posterior (CARR, 1996; DOZEMAN; RÖMER; SCHMID, 2007; TITUS, 2011). Mas mesmo essa unidade não possui contornos claros. Os estudiosos não chegaram ainda a um acordo quanto aos limites do Pentateuco, suas fontes e camadas de redação, e nem mesmo concluíram se o Pentateuco é realmente um Pentateuco. Ouve-se falar de um Tetrateuco (NOTH, 1981), Hexateuco e até de um Eneateuco (OTTO, 2000).<sup>8</sup>

Do outro lado do debate, os estudiosos conservadores mantêm a existência de unidade temática e essencial no Pentateuco (KLINGBEIL, 2001); (KLINGBEIL, 2003). Ainda que se reconheça o trabalho editorial, este é feito pelo próprio autor, Moisés, ou por escribas posteriores que apenas se ocuparam em atualizar informações, como nomes de lugares, sem romper ou interferir na unidade do texto original (MOURA, 2005).

.....

<sup>8</sup> Ver Gertz, Schmid e Witte (2002); Otto e Achenbach (2004); Blum et al. (2005); Römer e Schmid (2007); Dozeman, Römer e Schmid (2012).

## Perspectivas

E o que se pode esperar da pesquisa futura quanto ao Pentateuco? Quais os rumos que a pesquisa deve tomar?

O primeiro aspecto a ser mencionado é que parece não haver nenhum indicativo de que o método crítico venha a ser completamente abandonado. Embora Rolf Rendtorff (2006) tenha, em 2006, proclamado o adeus ao Javista e à hipótese documentária (RENDTORFF, 2006), nem mesmo ele estava disposto a abandonar a metodologia crítica (RENDTORFF; ORTON, 2005). Na verdade, ele estava satisfeito com os resultados da crítica das tradições, conforme levada a efeito por seu pupilo, Erhard Blum (BLUM, 1984; 1990; BLUM; OSWALD, 2010).

Ademais, as vozes atuais mais influentes no campo das pesquisas bíblicas, como Joel Baden, Jean Louis Ska, Eckart Otto, Antoine de Pury, Christophe Levin, Jan Getz, Korad Schmid, dentre outros, se discordam nos detalhes, são unânimes em reafirmar a viabilidade do método crítico. Os recentes encontros sobre o Pentateuco promovidos pelas Universidades de Zurique em 2010 e a Hebraica de Jerusalém em 2013 e 2014, avançam no refinamento dos resultados do método crítico.

É verdade que, e os conteúdos programáticos desses encontros o demonstram, há muito mais pontos discordantes entre os estudiosos do que alguma forma de consenso, exceto na negação da autoria Mosaica, da data antiga e da unidade do Pentateuco. Ainda não há, e possivelmente não haverá nos próximos anos, concordância quanto à delimitação das fontes, porque a sua importância vem sendo constantemente diminuída, com o fortalecimento da abordagem sincrônica e da crítica canônica, ou da forma final do texto (BADEN, 2012a; 2012b).

A sensação é que se gastou muito tempo e esforço na tentativa de interpretar camadas do texto, e o texto foi posto de lado. Não quer dizer, entretanto, que os trabalhos exegéticos que veremos em tempos próximos abandonem a abordagem diacrônica. De fato, a antecipada série *International Exegetical Commentary of the Old Testament*, cuja publicação começou em 2012 e conta com os mais influentes nomes da crítica e da pesquisa do Antigo Testamento, está desenhada para conter tanto a perspectiva diacrônica quanto a sincrônica na análise dos textos. Os autores dos comentários sobre o Pentateuco estão ativamente engajados na discussão sobre o método crítico, hipótese documentária etc. Genesis será publicado em 2 volumes, escritos por



Erhard Blum e David Carr (para o primeiro volume) e Konrad Schmid (para o volume final). Êxodo também conta com 2 volumes escritos por Helmut Utzschneider e Wolfgang Oswald. O volume sobre Levítico está aos cuidados de Baruch Schwartz. Rainer Albertz e Thomas Römer comentam Números, também em 2 volumes e os autores dos dois volumes sobre Deuteronômio são Jeffrey Stackert e Joel S. Baden. Além dessa série monumental, uma pesquisa nos sites das principais editoras de teologia da Europa, como *Vandenhoeck&Ruprecht*, *Möhr, de Gruyter*, e *Kollhammer* apresentam resultados impressionantes demonstrando que a pesquisa crítica sobre o Pentateuco está viva e o debate sobre os rumos da pesquisa, acalorados.

Entretanto, é essencial perceber que há uma reação nos círculos conservadores. Estudiosos dessa linha têm adentrado ao debate e apontado caminhos alternativos para a pesquisa crítica. O *Evangelical Exegetical Commentary*, por exemplo, apresenta um contraponto ao *International Exegetical Commentary of the Old Testament*. Seus comentários sobre o Pentateuco eram aguardados para os anos de 2015 e 2016, exceto o de Êxodo, que foi publicado em 2012 e seus autores são representativos da erudição exegética conservadora: William Barrick, do *Master's Seminary*, está a cargo do Gênesis. Eugene Carpenter, do *Seminário Bethel*, é o Autor do comentário de Êxodo (CARPENTER, 2012); Richard Averbeck, do *Trinity Seminary* comentará Levítico, enquanto R. Dennis Cole, do *Seminário Batista de New Orleans*, se dedica a Números, e Michael Grisanti a Deuteronômio. A orientação deste comentário, segundo seus editores, é de uma perspectiva evangélica, embora incorpore o melhor da erudição crítica.

A *Andrews University* planejou também para o ano de 2015 o lançamento de um comentário sobre toda a Bíblia em 2 volumes. Eruditos adventistas estão engajados na escrita desse comentário que deve incorporar a perspectiva adventista aos estudos do Pentateuco. Olhando os trabalhos anteriores de Alomía (2006) e Klingbeil (2003), podemos esperar uma sólida discussão exegética sobre os temas importantes na pesquisa.

O futuro da pesquisa deve seguir no caminho aberto pela crise dos últimos 40 anos. Não há como retornar ao período pré-crise. Welhausen não é mais um consenso, se é que existe um consenso. O edifício crítico está definitivamente vazio, pronto para demolição, mas os seus engenheiros se recusaram a apertar o botão. Se alguém terá essa coragem no futuro, apenas o tempo dirá.

## Referências

---

ALEXANDER, T. D. Pentateuch authorship. In: ALEXANDER, D. T.; BAKER, D. W. (Eds.). **Dictionary of the Old Testament: Pentateuch**. Downers Grove: InterVarsity Press Academic, 2003.

ALEXANDER, T. D.; BAKER, D. W. (Eds.). **Dictionary of the Old Testament: Pentateuch**. Downers Grove: InterVarsity Press Academic, 2003.

ALOMÍA, M. El Pentateuco en las lides académicas. In: ALOMÍA, M.; CORREA, S.; CHOROCO, V.; HORNA, E. (Eds.). **Volviendo as los Orígenes: Entendiendo al Pentateuco**. Lima: Theologika - Universidad Peruana Unión, 2006.

ARNOLD, B. T. History of Pentateuchal Criticism. In: ALEXANDER, D. T.; BAKER, D. W. (Eds.). **Dictionary of the Old Testament: Pentateuch**. Downers Grove: InterVarsity Press Academic, 2003.

38 BADEN, J. S. **J, E, and the redaction of the Pentateuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.

BADEN, J. S. **The composition of the Pentateuch: renewing the documentary hypothesis**. New Haven: Yale University Press, 2012a.

BADEN, J. S. **The Re-Emergence of Source Criticism: the neo-documentary hypothesis**. New Haven: Yale University Press, 2012b.

BADEN, J. S. **The Promise to the Patriarchs**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BAKER, D. W. Source Criticism. In: ALEXANDER, D. T.; BAKER, D. W. (Eds.). **Dictionary of the Old Testament: Pentateuch**. Downers Grove: InterVarsity Press Academic, 2003.

BARTON, J. **Reading the Old Testament: method in biblical study**. Philadelphia: Westminster, 1984.

BARTON, J. Source Criticism. In: FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992.





BARTON, S. C.; STUCKENBRUCK, L. T.; WOLD, B. G. **Memory in the Bible and antiquity**: the fifth Durham-Tübingen research symposium (Durham, september 2004). Tübingen: Mohr Siebeck, 2007.

BLENKINSOPP, J. **The Pentateuch**: an introduction to the first five books of the Bible. New York: Doubleday, 1992. (The Anchor Yale Bible Reference Library)

BLENKINSOPP, J. **Treasures old and new : essays in the theology of the Pentateuch**. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

BLUM, E. **Die Komposition der Vätergeschichte**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1984.

BLUM, E. **Studien zur Komposition des Pentateuch**. Berlin: W. de Gruyter, 1990.

BLUM, E.; JOHNSTONE, W.; MARKSCHIES, C. (Eds.). **Das Alte Testament - ein geschichtsbuch?** Beiträge des Symposiums „Das Alte Testament und die kultur der moderne“ anlässlich des 100. Geburtstags Gerhard von Rads (1901-1971), Heidelberg, 18.-21. Oktober 2001. Münster: Lit, 2005. v. 10.

39

BLUM, E.; OSWALD, W. **Textgestalt und Komposition**: exegetische Beiträge zu Tora und Vordere Propheten. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010.

BRANICK, V. P. **Understanding the historical books of the Old Testament**. New York: Paulist Press, 2011.

BREKELMANS, C.; VERVENNE, M.; LUST, J. (Eds.). **Deuteronomy and Deuteronomical literature**: festschrift C.H.W. Brekermans. Leuven: Peeters Publishers, 1997. (Bibliotheca Ephemeridum theologicarum Lovaniensium)

BRIGGS, R.; LOHR, J. N.; MOBERLY, R. W. L. **A theological introduction to the Pentateuch**: interpreting the Torah as christian scripture. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.

BRIGHT, J. **A history of Israel**: with an introduction and appendix by William P. Brown. 4. ed. Louisville: Westminster J. Knox Press, 2000.

BROOKE, G. J.; RÖMER, T. **Ancient and modern Scriptural historiography = L'historiographie biblique, ancienne et moderne.** Leuven: Leuven University Press, 2007.

BRUCE, F. F.; PAYNE, D. F. **Israel & the nations: the history of Israel from the Exodus to the fall of the second temple.** Downers Grove: InterVarsity Press, 1998.

BRUEGGEMANN, W.; WOLFF, H. W. **The vitality of Old Testament traditions.** 2. ed. Atlanta: John Knox Press, 1982.

CAMPBELL, A. F.; O'BRIEN, M. A. **Rethinking the Pentateuch: prolegomena to the theology of ancient Israel.** 1. ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2005.

CARPENTER, E. **Exodus.** Bellingham: Lexham Press, 2012.

CARR, D. M. **Reading the fractures of Genesis: historical and literary approaches.** 1. ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996.

CHOI, J. H. **Traditions at odds: the reception of the Pentateuch in biblical and Second Temple period literature.** New York: T & T Clark, 2010.

DEFFINBAUGH, R. L.; LONGMAN, T.; LESTON, S. **Genesis thru numbers: where do we come from?** Uhrichville: Barbour Publishers, 2009.

DOUKHAN, J. **The Genesis creation story: its literary structure.** Berrien Springs, 1978. Dissertação (Doutorado em Religião, Antigo Testamento) - SDA Seminary, Andrews University, Berrien Springs. 1978.

DOZEMAN, T. B.; RÖMER, T.; SCHMID, K. (Eds.). **Pentateuch, Hexateuch, or Enneateuch: identifying literary works in Genesis through Kings.** Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012. (Society of Biblical Literature)

DOZEMAN, T. B.; SCHMID, K., (Eds.). **A farewell to the Yahwist?: the composition of the Pentateuch in recent European interpretation.** Atlanta: Society of Biblical Literature. 2006. (Society of Biblical Literature symposium series)



DOZEMAN, T. B.; RÖMER, T.; SCHMID, K. (Eds.). **Pentateuch, Hexateuch, or Enneateuch: identifying literary works in Genesis through Kings**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011. (Society of Biblical Literature)

DOZEMAN, T. B.; SCHMID, K.; SCHWARTZ, B. J. (Eds.). **The Pentateuch: international perspectives on current research**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011, p. 18. (Forschungen zum Alten Testament)

DYK, P. J. V. Current trends in Pentateuch criticism. **Old Testament Essays**, v. 3, n. 2, p. 191-202, 1990.

EVANS, C. A.; LOHR, J. N.; PETERSEN, D. L. (Eds.). **The book of Genesis: composition, reception, and interpretation**. Leiden: Brill Academic Publishers, 2012, p. 23. (Supplements to Vetus Testamentum)

FRIEDMAN, R. E. **Who wrote the Bible?** Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1987.

FRIEDMAN, R. E. **The Bible with sources revealed: a new view into the five books of Moses**. 1. ed. San Francisco: HarperSanFrancisco, 2003.

41

GARCÍA LÓPEZ, F. L. **La Torá: escritos sobre el Pentateuco**. Madrid: Navarra, 2012.

GERTZ, J. C.; SCHMID, K.; WITTE, M. (Eds.). **Abschied vom Jahwisten: die komposition des Hexateuch in der jungsten diskussion**. Berlin: Walter de Gruyter, 2002. (Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft)

GUILLAUME, P. **Land and calendar: the priestly document from Genesis 1 to Joshua 18**. New York: T & T Clark, 2009.

HAMILTON, V. P. **Handbook on the Pentateuch: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers, Deuteronomy**. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.

HARRISON, R. K. **Introduction to the Old Testament: with a comprehensive review of Old Testament studies and a special supplement on the Apocrypha**. Grand Rapids: Eerdmans, 1969.

HASEL, G. F. **Biblical Interpretation Today**. Lincoln: College View Press, 1985.

HERRMANN, S. **A history of Israel in Old Testament times**. Revised and enlarged edition. Philadelphia: Fortress Press, 1981.

JOCZ, J. B. **The spiritual history of Israel**. London: Eyre & Spottiswoode, 1961.

KAISER, W. C. J. **Toward an Old Testament theology**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

KIKAWADA, I. M.; QUINN, A. **Before Abraham was**: the unity of Genesis 1-11. Nashville: Abingdon Press, 1985.

KING, G. The documentary hypothesis. **Journal of Adventist Theological Society**. Collegedale, v. 12, n. 1, p. 22-30, 2001.

KIRKPATRICK, P. G.; GOLTZ, T. D. **The function of ancient historiography in biblical and cognate studies**. New York: T&T Clark, 2008.

42

KLINGBEIL, G. Historic Criticism. In: ALEXANDER, T. D.; BAKER, D. W. **Dictionary of the Old Testament**: Pentateuch Downers Grove: InterVarsity Press: 2003.

KLINGBEIL, G. E. **Inicios, paradigmas y fundamentos**: Estudios teológicos y exegéticos en el Pentateuco. Entre Rios: Universidad Advensita del Plata, 2001.

KONDOR, K. El “escándalo de la historicidad” en los estudios pentateucanos. In: ALOMÍA, M.; CORREA, S.; CHOROCO, V.; HORNA, E. (Eds.). **Volviendo as los Orígenes**: Entendiendo al Pentateuco. Lima: Theologika - Universidad Peruana Unión, 2006.

LARSSON, G. The documentary hypothesis and the chronological structure of the Old Testament. **Zeitschrift fur die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 97, n. 3, p. 316-333, 1985.

LE ROUX, J. H.; OTTO, E. **South African perspectives on the Pentateuch between synchrony and diachrony**. New York: T & T Clark International, 2007.

MACRAE, A. A.; HAGUE, S. T.; NEWMAN, R. C. **JEDP**: lectures on the higher criticism of the Pentateuch. Hatfield: Interdisciplinary Biblical Research Institute, 1994.



MANN, T. W. **The Book of the Torah: the narrative integrity of the Pentateuch.** Atlanta: John Knox Press, 1988.

MCDERMOTT, J. J. **Reading the Pentateuch: a historical introduction.** New York: Paulist Press, 2002.

MCENTIRE, M. H. **Struggling with God: an introduction to the Pentateuch.** 1. ed. Macon: Mercer University Press, 2008.

MERRILL, E. H. **An historical survey of the Old Testament.** 2. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1991.

MOURA, O. Adições ao Pentateuco. **Hermeneutica**, Cachoeira, v. 5, p. 21-32, 2005.

NEWELL, W. R. **Studies in the Pentateuch.** Grand Rapids: Kregel Publications, 1983.

NOTH, M. **The history of Israel.** 2. ed. London: A. & C. Black, 1960.

NOTH, M. **A history of Pentateuchal traditions.** Chico: Scholars Press, 1981.

OTTO, E. **Das Deuteronomium im Pentateuch und Hexateuch: studien zur literaturgeschichte von Pentateuch und Hexateuch im lichte des Deuteronomiumrahmens.** Tübingen: Mohr Siebeck, 2000.

OTTO, E. **Das gesetz des Mose.** Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft (WBG), 2007.

OTTO, E.; ACHENBACH, R. **Das Deuteronomium zwischen Pentateuch und deuteronomistischem Geschichtswerk.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.

OTTO, E.; LE ROUX, J. H. **A critical study of the Pentateuch: an encounter between Europe and Africa.** Piscataway: Transaction Publishers, 2005.

RENDSBURG, G. **The redaction of Genesis.** Winona Lake: Eisenbrauns, 1986.

RENDTORFF, R. **Das überlieferungsgeschichtliche Problem des Pentateuch.** Berlin: W. de Gruyter, 1977.

RENDTORFF, R.; ORTON, D. E. **The canonical Hebrew Bible: a theology of the Old Testament.** Leiden: Deo Publishing, 2005.

RÖMER, T.; SCHMID, K. **Les dernières rédactions du Pentateuque, de l'Hexateuque et de l'Ennéateuque.** Leuven: Leuven University Press, 2007.

ROSENBERG, D.; BLOOM, H. **The book of J.** 1. ed. New York: Grove Weidenfeld, 1990.

SCHMID, H. H. **Der sogenannte Jahwist : Beobachtungen und Fragen zur Pentateuchforschung.** Zürich: Theologischer Verlag, 1976.

SCHMIDT, L. Jakob erschleicht sich den väterlichen Segen. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**, v. 100, n. 2, p. 159-183, 1988.

SEWELL, C. The tablet theory of Genesis authorship. **Bible and Spade**, v. 7, n. 1, 1994.

44

SHECTMAN, S.; BADEN, J. S. (Eds.). **The strata of the priestly writings: contemporary debate and future directions.** Zurich: Theologischer Verlag, 2009. (Abhandlungen zur Theologie des Alten und Neuen Testaments)

SOMMER, B. D. Dating pentateuchal texts and the perils of pseudo-historicism. In: DOZEMAN, T. B.; SCHMID, K.; SCHWARTZ, J. B. (Eds.). **The Pentateuch: international perspectives on current research.** Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.

STARK, R. **Discovering God: the origins of the great religions and the evolution of belief.** 1. ed. New York: HarperOne, 2007.

TENGSTRÖM, S. Exegetisk Metod och Dateringsproblemi Pentateukforskningen. **Svensk Exegetisk Arsbok**, v. 54, p. 207-225, 1989.

TITUS, J. **The second story of creation (Gen 2:4-3:24): a prologue to the concept of Ennéateuch?** Frankfurt am Main: Peter Lang, 2011.

VAN SETERS, J. **Abraham in history and tradition.** New Haven: Yale University Press, 1975.



WENHAM, G. **Exploring the Old Testament: The Pentateuch.** Downers Grove: InterVarsity Press, 2003.

WENHAM, G. **Genesis 1-15.** Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1987. (Word Biblical Commentary)

WHYBRAY, R. N. **The making of the Pentateuch: a methodological study.** Sheffield: JSOT, 1987.

WHYBRAY, R. N. **Introduction to the Pentateuch.** Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

WISEMAN, P. J. **New discoveries in Babylonia about Genesis.** London: Marshall, Morgan & Scott, 1936.

WISEMAN, P. J.; WISEMAN, D. J. **Ancient records and the structure of Genesis: a case for literary unity.** Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1985.